



## **NARRATIVAS PELO 'PALÁCIO DE MEMÓRIAS' NA RUA DO CATETE – RIO DE JANEIRO**

*NARRATIVES BY THE 'MEMORY PALACE' AT RUA DO CATETE - RIO DE JANEIRO*

**ÁVILA, PAMELA PARIS (1), PINHEIRO, ETHEL (2).**

1. Programa de Pós-graduação em Arquitetura/UFRJ  
Av. Pedro Calmon, 550/sl.433 - Prédio da Reitoria, Ilha do Fundão (Rio de Janeiro)  
pamelap.avila@gmail.com

2. Programa de Pós-graduação em Arquitetura/UFRJ  
Av. Pedro Calmon, 550/sl.433 - Prédio da Reitoria, Ilha do Fundão (Rio de Janeiro)  
ethel@fau.ufrj.br

### **RESUMO**

A evolução da cidade do Rio de Janeiro foi pontuada por influências e impactos que se refletem em sua história. A construção do metrô, na década de 70, e a transferência da capital para Brasília são casos de intervenção urbana e esvaziamento econômico que marcaram de forma significativa a história e memória da Rua do Catete. A atual configuração da Rua do Catete é o resultado da combinação de trechos preservados, com edifícios construídos nos terrenos remanescentes das demolições e persistência de vazios urbanos. O objetivo deste trabalho é analisar as mudanças de cenário da Rua do Catete através de narrativas proporcionadas pela justaposição de diferenciados enfoques, de modo a evidenciar um cenário atual complexo e reforçar a conexão memória / espaço físico / usos e práticas locais. A metodologia de pesquisa se configura através dos estudos das narrativas e do método 'Palácio de Memórias' que introduziremos a Rua do Catete como objeto de estudo e igualmente como estudo de caso, ratificando um dos pontos principais para se desenvolver o artigo em questão: a necessidade de aprender com os registros/memórias/discursos do passado para se fazer compreender o hoje, em diversos cenários de metrópoles mundiais, assim como para interpretar cidades.

**Palavras-chave:** Catete; Narrativas; Memória e Cidade.

### **Abstract**

*The evolution of the city of Rio de Janeiro was punctuated by influences and impacts that are reflected in its history. The construction of the subway, in the 70s, and the transfer of the capital to Brasília are cases of urban intervention and economic emptying that marked the history and memory of Catete Street in a significant way. The current configuration of Catete Street is the result of the combination of preserved stretches, with buildings built on the remaining land from the demolitions and persistence of urban voids. The objective of this work is to analyze the changes in the scenario of Catete Street through narratives provided by the juxtaposition of different approaches, in order to highlight a complex current scenario and reinforce the connection between memory / physical space / uses and local practices. The research methodology is configured through the studies of narratives and the 'Palácio de Memórias' method, which will introduce Catete Street as an object of study and also as a case study, ratifying one of the main points to develop the article in question: a the need to learn from the records / memories / discourses of the past in order to make the present understand, in different scenarios of world metropolises, as well as to interpret cities.*

**Palavras-chave traduzidas:** Catete, Narratives; Memory and City.

## INTRODUÇÃO

Muitas seriam as formas de abordar o cenário atual do espaço urbano brasileiro, e muitos os lugares para desenvolver isso pelo viés da abordagem dos símbolos imateriais e das tradições orais, mas o Rio de Janeiro, em especial a Rua do Catete, tornou-se o caminho escolhido em recente dissertação de mestrado defendida pela autora deste trabalho, no campo da Arquitetura. A possibilidade de abordar a relação memória/história pela experiência e pela narrativa dos habitantes locais, e também pelo papel representacional de centralidade e ostensão do poder político e econômico de outrora, no país, direcionaram o desenvolvimento deste trabalho.

A proposta deste artigo é apresentar uma metodologia de trabalho que torne possível a apreciação dos acontecimentos em ordem não cronológica, mas experimental, e que aborde a cidade por uma tessitura de histórias e memórias, por meio das Narrativas. Por trás da ‘escrita da cidade’, geralmente consultada em fontes oficiais, ocorrem transformações não somente em termos de locus, mas também nas maneiras de leitura das personagens que habitam os espaços físicos. Em outras palavras, a metrópole – narrada por seus habitantes – passa a ser um espaço textual, coberto pelo que Bolle (1994) chama de “escrita da cidade”.

A cidade contemporânea, assim como a interpretação de sua arquitetura e seus monumentos, não tem sido mais caracterizada como um simples lugar de ‘consulta’, nem por uma história configurada em tempo específico, mas como “um palco de um teatro profano, onde a destruição acaba por vencer sempre” (GAGNEBIN Jeanne, 2007), e onde a ideia de ‘encenar’ e ‘reinterpretar’ se ergue.

O principal método utilizado para possibilitar o desenvolvimento do presente artigo foi, então, o “Palácio de Memórias”, também conhecido como Método de Loci (lugar, em latim), constantemente utilizado pela maioria dos oradores desde a Antiguidade para executar seus discursos sem nenhum tipo de apoio, usando apenas a memória cognitiva. Tal estudo também comprovou que toda memória é fortalecida por histórias, e que nossos cérebros prestam mais atenção a informações que chegam a nós em forma de narrativas ancoradas num recorte espacial, como se pode afirmar a partir do enfoque de memória apresentado por Jodelet (2002).

Através da produção de narrativas (orais) tecidas pelas personagens que habitam a Rua do Catete do século XXI e da estruturação de um ‘Palácio de Memórias’, introduziremos a Rua do Catete como objeto de estudo e igualmente como estudo

de caso, ratificando a finalidade desta pesquisa: aprender com os registros/memórias/discursos do passado para se fazer compreender o hoje, em diversos cenários de metrópoles mundiais.

### **RUA DO CATETE: DA SAÍDA DA SEDE DA REPÚBLICA A PASSAGEM DO METRÔ.**

A história da Rua Catete remonta ao início do século XVIII quando a região era ocupada por chácaras e olarias, foi nessa época que o trecho passou a ser chamado Estrada do Catete. Já no início do segundo reinado a rua é transformada, ficando estreita, curva e tomada por residências de alto valor aquisitivo, onde buscaram habitar fidalgos e abastados comerciantes, sendo que a mais famosa delas, era a do desembargador Manuel Jesus de Valderato, já antiga no local. Donos de muitas terras, os Valderatos possuíam uma em especial, que se transformaria após alguns anos em palácio presidencial. Porém, antes disso, entre 1856 e 1867, abrigou a residência urbana do Barão de Nova Friburgo, projetada pelo arquiteto alemão Gustav Waehnelndt e situada na esquina das Ruas do Catete e Silveira Martins.

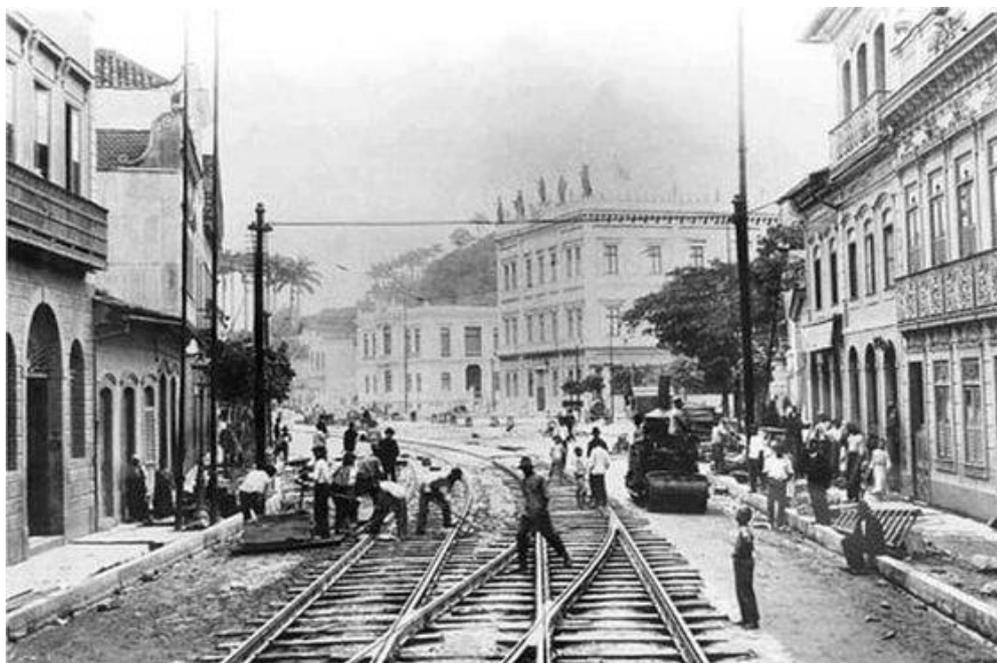


FIGURA 1 – Rua do Catete, em 24/01/1906. Obra de instalação dos trilhos dos bondes. Destaque para o Palácio do Catete - hoje Museu da República. Foto de Augusto Malta  
Fonte:Acervo (IMS)

Segundo Gerson (2013), durante o regime republicano, o Catete foi bem depressa se aburguesando, no sentido que tem a palavra burguês de coisa vulgar e corriqueira. Já não era mais o bairro aristocrático e sim de gente média e casas de móveis, condição essa que nele, nesse século, se veio misturar com outra aposta, de bairro de estudantes na sua maioria boêmios, de escritores e jornalistas propensos à boêmia.

No ano de 1897, a sede da República se instala no edifício que passa a ser conhecido por Palácio do Catete e todo o seu entorno sofre mudanças de ambiente e identidade. Políticos começaram a se instalar em hotéis e residências no bairro. Aqueles que já desfrutavam de prestígio, como o Hotel dos Estrangeiros, localizado na Rua Barão do Flamengo, onde atualmente se encontra o Condomínio do Edifício Simon Bolívar, tornaram-se sede de articulações políticas famosas.

Após a Proclamação da República em 1889 foi redigido na constituição mantendo o que já havia sido insinuado na constituição de 1824 que a capital do país deveria ir para o interior, o que também foi mantido na constituição de 1934 e na de 1946.

Sendo assim Juscelino Kubitschek reacende a ideia que já vinha sendo arrastada a mais de cem anos e usa Brasília como promessa de governo e a reafirmou logo após sua posse, em Janeiro de 1956.

Kubitschek apresenta então um programa extremamente técnico, onde o mesmo se organizava em trinta objetivos e acabou não conseguindo adesão das massas, pois apresentava também um discurso nada mobilizador sobre a necessidade de um respeito escrupuloso a Constituição. A construção de Brasília em nova capital foi praticamente a salvação de sua candidatura para que a mesma não fosse à falência.

Porém foi em 19 de setembro de 1956, que Juscelino aprovou a lei que fixava os limites do futuro Distrito Federal e autorizou o governo a instituir a Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Ao deixar de ser a capital o estado Guanabara não perdeu só o poder como também perdeu dinheiro. A cidade ganhou autonomia política, porém sofreu um grande esvaziamento econômico. Como consequência a grande maioria dos funcionários públicos precisou ser transferida para a nova capital, o que também ocorreu com dezenas de empresas que preferiram estar perto do centro do poder. No caso dos bancos, o destino foi diferente, estes preferiram a cidade de São Paulo que consolidava como a maior metrópole do país.

O Rio de Janeiro passou assim à condição de cidade-estado, o Estado da Guanabara. A autonomia política, entretanto, naufragara na década seguinte, durante a ditadura militar. Em 1974 o presidente Ernesto Geisel promoveu a fusão da ainda rica Guanabara com o Estado do Rio que resistia a duras penas, com uma economia basicamente ancorada na agricultura.

É mais que evidente que esse dia especial da transferência da capital para Brasília não foi assimilado com facilidade, mesmo pelas testemunhas mais próximas. À distância pode até parecer que o passado está enterrado, exaurido pela história, mas na realidade não acontece bem assim na memória de quem o viveu.

É como se um mecanismo maligno escamoteasse o acontecimento no instante em que ele acaba de mostrar o rosto, como se a história exercesse censura nos dramas de que ela é feita, como se gostasse de se esconder, só se entreabrisse para a verdade em breves momentos de confusão e no restante do tempo se esforçasse para frustrar as “superações”, em reproduzir as fórmulas e os papéis do repertório e, em suma, nos persuadir de que nada se passa. (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 1)



FIGURA 2 – Seguido da família e dos membros do governo, o presidente desce os degraus do Palácio do Catete. Divulgada em toda a imprensa, a imagem viria a ser a representação oficial da partida do poder.

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/inauguracao-de-brasilia-encerra-ciclo-de-dois-seculos-de-poder-do-rio-de-janeiro-8929190> Acesso em: 13 jan. 2019.

Para alguns esta transferência foi vista como um acontecimento grandioso e motivo de orgulho para o país. Para outros o esvaziamento de poder não foi visto com bons

olhos e sim responsável pelo abandono do Rio de Janeiro e pela decadência do bairro do Catete.

Após alguns anos outro fato importante ocorreu ao local, apesar dos estudos para a implantação do metrô datarem de 1928, o metrô chegou ao Rio de Janeiro no final dos anos 1970, se compararmos com Estados Unidos e Europa podemos dizer que chegou com mais ou menos cinco décadas de atraso, embora o governo tenha tentado buscar auxílio do metrô de Paris e discutido sobre técnicas de projeto, a sua inauguração só ocorreu em 5 de março de 1979.

Com inúmeras desapropriações de imóveis nas áreas do metrô, as obras cortaram ruas da cidade e castigaram os moradores durante sua execução. O primeiro trecho inaugurado, da Glória à Praça Onze, tinha 5,1 quilômetros e cinco estações e foi inaugurado pelo presidente Ernesto Geisel, a dez dias de deixar o governo. Em 1980 ocorre a inauguração das estações Uruguaiana e Estácio, seguindo da estação Carioca em Janeiro do ano seguinte. No mesmo ano foram inauguradas ainda as estações Catete, Flamengo e Botafogo, logo após em Novembro daquele mesmo ano era inaugurada a Linha 2, apenas com as estações São Cristóvão e Maracanã. Em dezembro, foi à vez da estação Largo do Machado.

O bairro do Catete foi um dos bairros que sofreu uma grande transformação em razão das mudanças e interdições que as obras trouxeram para o ambiente. O tecido urbano que se encontrava consolidado desde o meio do século XX, após passar por mudanças desde a gestão do prefeito Pereira Passos, se esvaeceu. Entre as principais mudanças, figura a demolição de grande parte dos sobrados que, durante o Brasil Colônia e o Império, foram residências das elites, grandes referências do bairro e da cidade, como a garagem dos bondes, o Cinema São Luiz e o Café Lamas, que faziam parte do casario do lado ímpar da rua, sem esquecer a Escola Rodrigues Alves, vizinha do Palácio do Catete, foram colocados abaixo pelas obras do metrô.

O bairro ficou totalmente sitiado durante as obras do metrô, os moradores viviam entre as ruínas dos velhos prédios que antes abrigavam as mais tradicionais lojas de moveis da cidade, bares boêmios e cinemas tradicionais. E vivendo entre os bares e esquinas que restaram de pé enfrentavam problemas que duraram alguns anos, como o lixo que se acumulava a falta de luz, de gás o telefone que falhava e o imenso barulho. Apreensivos os comerciantes aguardavam em suas lojas vazias o

tão esperado dia da reurbanização. O quarteirão que menos sofreu com demolições de edifícios foi o que vai da Rua Correa Dutra até a Rua Silveira Martins em frente ao Palácio do Catete, pois os imóveis são tombados pelo Patrimônio Histórico Artístico Nacional.



FIGURA 3 – Rua do Catete, 1976, durante as obras do metrô na altura da Rua Ferreira Viana.  
Fonte: Arquivo Nacional

## **NARRATIVAS DE MEMÓRIA DA CIDADE**

### **MEMÓRIA E REMINISCÊNCIAS**

A memória é uma questão que vem sendo estudada há muito tempo e que foi interpretada de maneiras diferentes, pois existem vários conceitos que se agrupam ao redor do tema memória.

Na história, na educação, na filosofia e na psicologia o cuidado com a memória fez dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética na qual o nosso dever consistiria em preservar a memória, em salvar o passado onde se resgataria as tradições de vida, falas e imagens.

Nietzsche já descrevia no fim do século XIX essas transformações culturais dos usos de valor da memória, denunciava a acumulação obsessiva e a sabedoria vazia do historicismo cujo maior efeito não consistia em uma conservação do passado, mas sim em uma paralisia do presente.

Todos nós temos a faculdade da memória, a capacidade de lembrar, e temos as imagens que voltam à memória que conhecemos como reminiscências. Existem vários tipos de conceitos, um conceito que é mais abrangente, psicológico ou psíquico que é uma capacidade da memória e um conceito que é mais intelectual que é a atividade do lembrar.

Na filosofia tradicional, desde Platão, se tentou valorizar o aspecto mais consciente do lembrar, os estudiosos mais ligados a filosofia e a psicologia tentaram decifrar o que era o ato de lembrar, porém não deram muita importância a outra coisa que é imprescindível, pois quando se lembra de algum fato o mesmo é afetado por outras lembranças que o indivíduo não necessariamente escolhe, essa mistura de passivo e ativo atrapalha.

Ricoeur (2007) nos apresenta que os escritos platônicos relativos à memória dizem respeito primeiramente à ausência de referência expressa à marca distintiva da memória nas quais se significam as afecções do corpo e da alma às quais a lembrança está ligada.

A lembrança/memória também pode se mostrar pouco confiável, isso precisamente por que a mesma é o único recurso do indivíduo para significar o caráter passado daquilo que declaramos nos lembrar. Ninguém sugere essa questão a imaginação, pois a mesma tem como paradigma o irreal e o fictício e outros traços que podemos chamar de não posicionais, porém não possuímos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu antes que declarássemos nos lembrar dele. O testemunho constitui a estrutura fundamental de transição entre memória e a história.

Tal rememoração implica uma certa ascese da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalcado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente. (GAGNEBIN, 2006, pág.55).

No plano fenomenológico, no qual nos situamos aqui, dizemos que nos lembramos daquilo que fizemos, experimentamos ou aprendemos em determinada circunstância particular. Mas abre-se um leque de casos típicos entre os dois extremos das singularidades dos acontecimentos e das generalidades, as quais podemos denominar “estado das coisas”. Os fenômenos de memória tão próximos do que somos opõem, mais que outros, a mais obstinada resistência a hubris da reflexão total. O primeiro ar de oposições é constituído pela dupla hábito e memória que constituem os dois polos de um série continua de fenômenos mnemônicos. (RICOEUR, 2007, pág.43 e 44)

Segundo Ricoeur (2007) um passado reconhecido tende a se fazer valer como passado percebido. Disso surge o estranho destino do reconhecimento, de poder ser tratado no quadro da fenomenologia da memória e no da percepção.

O momento da recordação é então o do reconhecimento, sendo assim temos a transição da memória corporal para a memória dos lugares que são asseguradas por atos tão importantes como orientar-se, deslocar-se e acima de tudo habitar. Sendo assim as coisas que são lembradas são inerentemente associadas a lugares e não é por acaso que dizemos algo sobre algo que ocorreu que ele teve lugar. O caráter coletivo da memória traz os valores pressupostos pela comunidade, onde o tempo e espaço acontecem. Quando se avolumam comentários acerca de fatos do passado, isso vira um objeto edificado. Tal fenômeno relaciona-se àquilo que Pierre Nora postula em seus escritos sobre Lugares de Memória: “os lugares de memória não são aqueles dos quais nos lembramos, mas lá onde a memória trabalha” (NORA,1997,p.18).

Esses lugares de memória funcionam principalmente à maneira dos reminders, dos indícios de recordação, ao oferecerem alternadamente um apoio à memória que falha, uma luta contra o esquecimento, até mesmo uma inerência subentendida da memória morta. Os lugares permanecem como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos, enquanto as lembranças transmitidas unicamente pela voz.

O ato de habitar constitui a mais forte ligação humana entre momento e lugar. Os lugares habitados são por excelência memoráveis. Por estar à lembrança tão ligada a eles, a memória afirmativa se entretém em evocá-los e descrevê-los. Quanto aos deslocamentos, os lugares que são percorridos servem de reminders aos episódios que ali ocorreram, são eles que vão nos parecer hospitaleiros ou não.

Para Ricoeur (2007) a fenomenologia da lembrança está implicada nessas distinções e nessas ramificações, a imaginação e a memória tinham como traço comum a presença do ausente, e como traço diferencial a suspensão de toda posição de realidade de uma visão de um irreal. A lembrança pertence ao mundo da experiência frente aos mundos da fantasia e da irrealidade.

Podemos então abordar a “memória artificial” que consiste em lugares e em imagens, onde a lembrança não consiste mais em evocar o passado, mas sim em efetuar aprendizados agrupados em um espaço mental. Em termos bergsonianos entramos de fato na memória hábito. Uma memória exercitada, cultivada, educada e esculpida e são verdadeiras proezas que agraciam a memória divina de verdadeiros atletas da memorização. Nos dias de hoje esse processo de memória é conhecido como “Palácio de Memórias” e abordaremos mais a frente, onde explicaremos o método e apresentaremos o método criado e adaptado para essa pesquisa.

## **NARRATIVAS DA /NA CIDADE**

O que seria contar uma história, ou o que é contar a história? O que isso significa? Para que isso serve? Por que essa necessidade, mas também muitas vezes essa incapacidade de narrar?

A resposta para essas perguntas define a questão que nos envolve e nos mostra a importância da narração para construção do indivíduo. Essa importância sempre foi reconhecida como a da rememoração, da retomada pela palavra de um passado que se apagaria no silêncio e nos esquecimento.

O ato de narrar, por sua constante presença em diversas configurações humanas ao longo da história, e enquanto modo de expressão e de construção de sentido parece ele mesmo carregar, através de palavras, sons e gestos, a própria sagacidade do mundo. O processo de tecelagem de histórias tem como uma de suas mais notáveis características o fato de colocar lado a lado elementos percebidos como diversificados.

A explicação da cidade que somos e que se encontra em nós é uma narrativa que se decompõe através da memória de seus habitantes, tanto quanto do pesquisador (neste caso, pesquisadora-arquiteta-urbanista) que reinterpreta os comentários dos habitantes que pesquisa em suas trajetórias.

Podemos, então, abordar o conceito de “cidade texto” de Benjamin (2013) como um método que, frente ao impacto da escrita da cidade e distinguindo a metrópole como espaço textual, nos permite a leitura de diversas tensões modernas. Benjamin se coloca perante a metrópole de modo análogo ao estudioso em frente à escritura, de modo que o ambiente urbano se transforma em texto. O texto de Benjamin se constitui em um retrato complexo dos conflitos que dominam a metrópole que transformada em texto permite a leitura da cidade.

Nessas circunstâncias, a verdadeira atividade literária não pode ter a pretensão de desenrolar-se dentro das molduras literárias – isso, pelo contrário, é a expressão usual de sua infertilidade:

A atuação literária significativa só pode instituir-se em rigorosa alternância de agir e escrever; tem de cultivar as formas modestas, que correspondem melhor a sua influência nas comunidades ativas que o pretensioso gesto universal do livro, em folhas volantes, brochuras, artigos de jornal e cartazes. Só essa linguagem de prontidão mostra-se atuante à altura do momento. (BENJAMIN, 2013, p. 9)

Histórias de vida não são dados adquiridas, são obtidas por intermédio de narrativas (construções) pelas quais os sujeitos se definem; narrar é instalar um lugar imaginário para experiências de pensamentos.

Através de uma metodologia que buscou compor tais narrativas, buscou-se o processo de encontro com os usuários numa abordagem-piloto, vimos que há um antes e um depois da Rua do Catete: Antes do metrô/ Depois do Metrô, Catete República/Catete Museu da República.

Como construir tal discurso através desse esvaziamento de significado? Como aplicá-lo no estudo da memória na Rua do Catete? A resposta veio através da composição de narrativas por seus personagens ordinários.

Lamento comunicar que após as obras do metrô o Catete morreu, pode anotar ai no seu caderninho. Um bairro que já teve seus tempos de gloria foi um antigo domínio aristocracia, boêmio e pioneiro na história dos transportes urbanos, o Catete teve a primeira linha de bondes puxada por burro, ela fazia ponto ali no final do Largo do Machado. Hoje acho que o Catete padece por forca do seu pioneirismo (O Sr. Solta uma gargalhada). Durantes as obras do metrô passar um dia nessa Rua era um inferno, estava tudo destruído. Longe de mim contestar o progresso, mas não precisava ter feito tudo isso. Foi muito triste ver a Escola Rodrigues Alves que ficava ali na esquina da Rua Silveira Martins ser demolida, ela foi construída pelo prefeito Perreira Passos, era um primor de colégio, funcionava como dependência burocrática do Palácio. (Trecho de Entrevista – V, 82 anos).

Uma vez que a memória pode ser construída a partir de testemunhos e narrativas, que constituem a estrutura fundamental de transição entre memória e história, a construção de narrativas – como percebemos – não acontece somente através do uso das entrevistas dos personagens, mas também da captação dos registros e dos pormenores da lembrança.

## **PALÁCIO DE MEMÓRIAS**

Durante um banquete oferecido por um nobre da Tessália, chamado Scopas, o poeta Simônides de Ceos recitou um poema lírico em honra de seu anfitrião, mas acrescentou uma passagem em louvor a Castor e Pólux. Scopas não gostou da passagem que foi acrescentada por Simônides e disse ao poeta que pagaria somente metade do que fora combinado pelo discurso e que se ele quisesse o restante que fosse cobrar dos deuses gêmeos a quem havia dedicado metade do poema. Após um tempo, Simônides foi avisado que dois jovens o aguardavam do lado de fora, para falar com ele. Sendo assim o mesmo se retirou do banquete e saiu do salão atrás dos jovens, porém não encontrou ninguém. Assim que Simônides saiu à procura dos jovens o teto do salão desabou, matando Scopas e todos os convidados, os corpos deformados não eram possíveis de serem reconhecidos nem pelos parentes para conseguirem fazer os funerais. Mas Simônides se lembrava dos lugares dos convidados a mesa e sendo assim conseguiu identificar para os parentes cada um de seus mortos. Castor e Pólux, os jovens invisíveis que chamaram Simônides e os homenageados pelo mesmo no

poema haviam pago generosamente sua parte, a qual Scopas havia se negado, tirando-o do banquete pouco antes do teto desabar<sup>1</sup>.

Essa experiência sugeriu ao poeta os princípios da arte da memória, da qual se diz inventor, pois ao notar que devido a sua memória dos lugares onde os convidados estavam sentados que conseguira identificar os corpos, ele compreendeu que a disposição ordenada era essencial a uma boa memória, a esse método deu o nome de memória artificial, ou seja, uma memória que era gerada a partir de algum “gatilho” para gerar tal lembrança.

Cícero<sup>2</sup> introduz sua exposição sobre a memória artificial com a história da sua invenção por Simônides:

Essa realização de Simônides parece ter originado a observação de que ela é uma ajuda à memória, se alguns lugares forem fixados na mente, no que cada um pode acreditar a partir da sua experiência. Porque quando retornamos a um lugar após uma longa ausência, não nos recordamos apenas do lugar em si, mas das coisas que fizemos ali, das pessoas que encontramos e até dos pensamentos não expressos que passaram por nossas mentes quando ali estivemos anteriormente. Assim, como em muitos casos, a arte nasce como experiência. (CÍCERO, 55<sup>a</sup>.c, apud YATES,2007, pag.40)

De acordo com o neurologista Leandro Teles<sup>3</sup>, da Academia Brasileira de Neurologia (ABN), os modos e a quantidade de lembranças fixadas pelo indivíduo variam de pessoa para pessoa. Existe um cabo de guerra de coisas que levam ao esquecimento ou à fixação. Têm vivências tão intensas que são retidas no ato, já outras ficam no cérebro apenas por proximidade temporal e se perdem ao longo do tempo, a não ser que volte a vê-las. É o nosso cérebro quem decide o que vai e o que fica, um processo que se inicia na infância e nos acompanha na vida toda.

Os antigos nos apresentaram como a memória se fixa melhor em nossas mentes através de métodos desenvolvidos através do uso da disposição de lugares e imagens e a esse método chamaram de Memória artificial, porém esse método é adotado nos dias de hoje também para fixação e recebe o nome de Palácio de Memórias<sup>4</sup>, trata-se de um lugar ou série de lugares na sua mente onde você pode armazenar informação que você precisa lembrar. Com tempo e prática, qualquer um pode construir um Palácio da Memória, e eles são úteis para muito mais do que apenas competições de memorização e trivialidades. Enquanto um palácio da memória pode ser um lugar puramente imaginado, é mais fácil baseá-lo em um lugar que já exista no mundo real e que você seja familiarizado. Um palácio básico pode

---

<sup>1</sup> Cícero, (55 a.C.) De Oratore ad Quintum fratrem libri tres ("Sobre o Orador, três livros para seu irmão Quinto"), pag.351

<sup>2</sup> Marco Túlio Cícero foi um advogado, político, escritor, orador e filósofo da gens Túlia da República Romana eleito cônsul em 63 a.C. com Caio Antônio Híbrida.

<sup>3</sup> TELES, Leandro. O cérebro ansioso: aprenda a reconhecer, prevenir e tratar o maior transtorno moderno. 2018, ed. Alaúde.

<sup>4</sup> <https://theweek.com/articles/465649/10-superhelpful-mnemonic-tricks>

ser seu quarto, por exemplo. Palácios da Memória maiores podem ser baseados na sua casa, uma catedral, uma caminhada para a loja da esquina, ou sua cidade inteira. Quanto maior ou mais detalhado é o lugar real, mais informação você pode armazenar no espaço mental correspondente.

O mesmo método usado na antiguidade, conhecido como memória artificial, eram usados em lugares que estavam tão fortemente impressos na memória e assim impressos como um fundamento racional na teoria Aristotélica da reminiscência, baseada na ordem e na associação.

Segundo Tomás de Aquino (2016) é necessário um ponto de partida para se iniciar o processo da reminiscência. Por esse motivo, alguns rememoram a partir de lugares onde foi dito algo ou feito ou pensado, utilizando o lugar como se fosse o ponto de partida da reminiscência, pois o acesso ao lugar é como um ponto de partida para todas as coisas que ali se passaram.

Após entendermos os conceitos e métodos de memorização abordados iremos apresentar o verdadeiro significado do conceito Palácio de Memórias abordado neste artigo, aonde após a leitura e os estudos da arte da memória desde os antigos até a arte de memorização dos dias de hoje se chegou a um terceiro uso do conceito de Palácio de Memórias.

A memória opera no campo do vivido participando ao mesmo tempo tanto dos registros ocorridos no passado como das expectativas depositadas no futuro. Instaurado no espaço fenomenológico, entrelaçando sujeito e objeto, o sentido emerge no presente como atualidade e como partilha do passado. O campo do sentido se abre à multiplicidade e entre a suposição artística de vivências e as vivências do próprio indivíduo, culmina em uma partilha de sentido.

Durante a pesquisa de campo, através da captação das narrativas de memória dos personagens, foi analisado que muitos tinham sua memória ancorada de certo modo em algum local da Rua do Catete, ou seja, para começar a descrever sua narrativa de memória sobre a rua a mesma começava sempre a partir de algum lugar, e a partir desse lugar que surgiam todas as lembranças da rua.

Com essa análise chegamos ao conceito que muitos indivíduos possuíam seu Palácio de Memórias na Rua do Catete, e esse era o lugar de onde emergiam suas lembranças e onde as mesmas se encontravam ancoradas, pois para essa pessoa não existiria a Rua do Catete sem esse lugar.

Porém não podemos confundir o método com “Lugares de Memória” de Pierre Nora, ambos são diferentes. Em *Les Lieux de Mémoire*, Nora nos fornece o que seriam os “Lugares de Memória”: “Os lugares de memória são, antes de mais nada, restos. [...] São rituais de uma sociedade sem ritual, sacralidades passageiras em uma sociedade que dessacraliza, ilusões de eternidade.” (NORA, 1984)

O que não acontece com o método do Palácio de Memórias adotado pela autora, pois os mesmos são lugares simples, ordinários, onde simplesmente o indivíduo tem sua memória ancorada por razão de alguma vivência ou acontecimento do passado que faz com que esse lugar seja seu protagonista na Rua do Catete, seu Palácio de Memórias.

Após realizarmos as entrevistas com alguns indivíduos descobrimos que a maioria das lembranças estão ligadas a lugares da Rua do Catete, quando a pessoa expressava suas lembranças sobre a Rua nunca a descrevia como um todo, ela sempre focava em algum lugar e desse lugar era de onde iam surgindo as suas memórias.

Alguns lugares ainda existentes como o Colégio Zaccaria e o Palácio do Catete que foram bastante citados, mas também lugares que não existem mais, porém as pessoas sabem exatamente onde os mesmos se localizavam como o Bar Lamas, a Escola Rodrigues Alves e a garagem da CTC, antiga empresa de ônibus do estado.

Sendo assim foi desenvolvido para essa pesquisa o método do 'Palácio de Memórias', onde foram selecionados personagens que ao expressarem suas lembranças do lugar construíam seus 'Palácio de Memórias' através dos lugares mencionados, esses onde haviam centrado suas lembranças: em igrejas, edifícios, escolas ou no próprio Palácio do Catete.

Em 1974 mudei-me da cidade de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, para o bairro e frequentava o antigo Bar Lamas, que era centenário e onde se encontravam diversos artistas e intelectuais. Lembro-me da garagem da CTC no Largo do Machado - antiga empresa de ônibus do estado. (C. 62 anos)

Eu morava na Rua Silveira Martins quando era criança, ao lado do Palácio do Catete. Me lembro de escutar da escola Rodrigues Alves, onde eu estudava na época, a fanfarra presidencial e Juscelino saía na sacada para cumprimentar a multidão. (M.73 anos).

Minha relação com a Rua do Catete é de muito carinho e gratidão, afinal é o bairro onde eu vivo, onde a maior parte da minha família reside e onde pude fazer muitos amigos. Minhas maiores lembranças são da época de colégio, estudei no Colégio Zaccaria minha vida inteira e nossa como aquele lugar me fazia e ainda me faz feliz, fiz questão de colocar meu local de votação lá só para ter uma desculpa para visitar a escola. Lembro que as sextas feiras era obrigatório o almoço no Mac (Macdonald) no Largo do Machado, a resenha da semana e a programação do final de semana eram feitas lá. (A, 32 anos).

Através desse método foram selecionadas histórias de pessoas comuns que enfrentaram os dilemas oferecidos pela vida. Muitas não fazem parte daquela história oficial, com "h" maiúsculo, mas suas trajetórias iluminam aspectos que nos ajudam a entender a vida de todos nós graças ao encanto de suas narrativas de memórias do espaço, criando assim o método de estudo do 'Palácio de Memórias'.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Rua do Catete dos dias de hoje reflete aquilo que sobrou de uma história de Poder e Aristocracia. O lugar ainda conserva certo ar bucólico causado por alguns sobrados que resistiram ao tempo, porém o que resta hoje em dia é uma rua em estado de decadência e esquecida pelo tempo.

A identidade de um espaço urbano vai se formando com o passar dos anos pela associação do espaço construído com o espaço vivido. As manifestações próprias da vida cotidiana, carregadas de sentidos e sentimentos, constroem a identidade do lugar. Todos os dias passamos pelas ruas de nossa cidade para ir ao trabalho, à escola, fazer compras, passear e, finalmente, voltar para casa. No percurso do nosso dia a dia quase nunca paramos para pensar o que esses lugares significam para nossa vida, nossa história e para a cidade.

Por excelência a cidade é um espaço coletivo e por isso participativo e multicultural, porém nos esquecemos dos espaços construídos e do nosso pertencimento aos mesmos. No caso da Rua do Catete, o Palácio, os sobrados e mesmo os edifícios sem grande valor arquitetônico ou artístico contam a história de diferentes momentos vividos pela cidade. Nem todos os bens edificados podem ser classificados como de valor histórico ou artístico, entretanto, podem ter um papel importante na construção da identidade de um lugar por seu valor para a memória da população e a cultura de um local.

Durante quase todas as entrevistas a narrativa de memória começava através da saudade ou da lembrança de um lugar da Rua em específico, foi quando entramos com o método do 'Palácio de Memórias', pois constatamos que as memórias dos indivíduos se encontram enraizadas em espaços e lugares, e sempre que começavam a citar suas lembranças, as mesmas eram construídas através de seus 'Palácio de Memórias'.

As narrativas possibilitadas pelo Palácio de Memórias, expostas pelas personagens da Rua do Catete, nos mostraram a importância do 'narrar' para a construção do sujeito, e essa importância é reconhecida pela retomada salvadora de um passado.

Na arquitetura a ordem narrativa instaurada se revela nos processos decorrentes da ocupação da edificação, nos procedimentos da leitura e interpretação, chegando à compreensão do projeto enquanto uma narração ao mesmo, ou seja, memória tem lugar, está inscrita no espaço, que por sua vez, apresenta diversas temporalidades, carregada de valores e histórias, que continuam presas ao objeto.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás, **Comentário sobre "A memória e a reminiscência" de Aristóteles**. Tradução edição e notas Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. São Paulo: Edipro, 2016.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, Papyrus, 1994.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986b. (Obras Escolhidas, v. 1).

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2013. (Obras escolhidas, v. 2.)

BERGSON, H. (1990). **Matéria e Memória**. Tradução de Paulo Neves da Silva. 1a. Edição, São Paulo: Martins Fontes.

CICERO. **Retórica a Herênio**. São Paulo: Hedra, 2005.

DUARTE, Cristiane Rose. **Percursos, escritas e novos olhares para o pesquisador em Arquitetura**. In TANGARI, V. et al. (org.) *A pesquisa em arquitetura: caminhos e proposições*. Rio de Janeiro: Proarq-UFRJ, 2010 b.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

\_\_\_\_\_. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GERSON, Brasil. **Histórias das ruas do Rio**. 4. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2013.

JODELET, Denise. **A cidade e a memória**. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso, *Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

LEGOFF, J. **História e Memória**. Trad. de Bernardo Leitão et al., 5. Edição, Campinas, SP: Ed. Unicamp. 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Signos**. trad: Maria Ermantina Galvão, São Paulo, ED: Martins Fontes. 1991

NIETZSCHE, Friedrich. **Zweite unzeitgemässe Betrachtung. Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben**. Ed. crítica Colli-Montinari, vol. I. Berlim: DTV, 1988; ed. bras., Segunda consideração intempestiva. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

NORA, P. **Lês Lieux de Mémoires**. Gallimard, Paris. 1997.

PINHEIRO, Ethel. **Cidades 'ENTRE'. Dimensões do Sensível em Arquitetura ou a Memória do Futuro na Construção de uma Cidade** / Ethel Pinheiro Santana. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa (tomo III)**. Campinas, São Paulo: ED: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal**. Trad. Carlos João Correia. Arquipélago, 2000.

TELES, Leandro. **O cérebro ansioso: aprenda a reconhecer, prevenir e tratar o maior transtorno moderno**. 2018, ed. Alaúde.

VIDAL, Laurent. **As lágrimas do Rio: O último dia de uma capital: 20 de abril de 1960**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes. 2012.

YATES, Francis A. **A arte da memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.